

Polifonia de vozes: sujeito entre outros sujeitos

“Ninguém é sujeito na solidão e no isolamento, sempre se é sujeito entre outros sujeitos: o sentido da vida humana não é um monólogo, mas provém do intercâmbio de sentidos, da polifonia coral. Antes de mais nada, a educação é a revelação dos outros, da condição humana como um concerto de cumplicidades inevitáveis”. (Savater, F. 1998 p. 44)¹



O pensamento de abertura da edição nº 32 – mês de maio – da Revista Portal de Divulgação indica o caminho que seguimos, há muito tempo, em nossos trabalhos, como docentes, pesquisadoras e editoras. Na Gerontologia social o intercâmbio entre os saberes-seres é fundamental, pois a atitude interdisciplinar que nos orienta pressupõe a escuta, respeitada e compartilhada na perspectiva da “polifonia plural”. Muitas vozes que se ouvem expressando ideias e ideais na busca de “cumplicidades inevitáveis”.

O *Portal do Envelhecimento* e a *Revista Portal de Divulgação* têm, entre seus objetivos, respectivamente desde 2004 e 2010, a ampliação desse diálogo por meio de mídias atuais – de maior alcance e fácil acesso - como caminho para a formação ao longo da vida na perspectiva existencial. Uma educação por meio da “revelação dos outros, da condição humana”.

Nossos temas são o envelhecimento e a longevidade a partir de reflexões teóricas e existenciais – incluindo as proporcionadas por filmes e livros –, além das palavras, dos que já tendo muitas experiências acumuladas, que relatam, em entrevistas e crônicas, o vivido.

¹ Savater, F. *O Valor de Educar*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Encontramos essa diversidade de expressões no número que apresentamos neste Editorial.



Diálogo esclarecedor, em tema crescentemente divulgado, mantemos com os profissionais da odontogeriatría no artigo *Osteoporose e a sua relação com a prática odontológica geriátrica em implantodontia: breves considerações*. O objetivo dos autores é “abordar as principais características da osteoporose e sua relação direta com a prática odontológica, que sirva como orientações aos demais profissionais da saúde e população senil a respeito das medidas reabilitadoras em odontogeriatría”.

Abertura e diálogo marcam os trabalhos dessa equipe de odontogeriatras, que divulgam, nas perspectivas teórico-práticas, relevantes informações.

“Ninguém é sujeito na solidão e no isolamento, sempre se é sujeito *entre* outros sujeitos [...]”; palavras que iniciam este editorial podem ser as que nos ocorrem ao pensar na institucionalização. Hoje, questão fundamental na sociedade longeva, o “quem vai cuidar de mim” no momento de fragilidades se impõe. Muitas são as opções para essa discussão, como analisa o artigo *Avaliação da qualidade de vida de idosos institucionalizados e não institucionalizados de Ubá e microrregião*, exemplificando o diálogo aberto em relação a assuntos e realidades diferentes de outros estados brasileiros. Afirmam as autoras:

“Com o aumento das institucionalizações surge como imprescindível a análise dos cuidados prestados aos

idosos nas ILPIs, pois essa mudança representa não apenas ambiente físico diferente, mas a urgência de adaptação ao ambiente, às pessoas e à nova rotina”.

Qual o significado do cuidar na sociedade em mudanças? Quem e como será esse cuidado? Tantas famílias, tantos idosos, diferentes realidades e subjetividades que se entrecruzam. Existe um “modelo” de cuidar?

A reflexão feita no artigo *Elsa e Fred – Um encontro possível*, baseado no filme do mesmo nome, apresenta dois vizinhos idosos, que se encontram em uma situação inusitada. Ela, ativa e alegre. Ele, reservado e solitário.

Uma cumplicidade se anuncia e se fortalece entre os dois, que se tornam um casal, indicando outros cuidados, dos muitos possíveis. Nem família e nem institucionalização, mas novos arranjos que superam a solidão, o isolamento, e apoiam a passagem inevitável.

Viver muito, viver com qualidade, é o desejo de todos. Mas, inevitavelmente, com o passar dos anos a fragilidade se estabelece e, frequentemente, os avanços da medicina não têm respostas ou remédios para a marcha rumo ao fim. Frente a esse cenário, desolador para muitos, as reflexões contidas em *Longevidade, empatia e esperança – novos rumos* propõem abertura dialógica necessária.

A escuta empática – colocar-se no lugar do outro – é urgente! A autora afirma que a humanização das relações, em todas as idades da vida, seria a base de atitudes que deveriam guiar “ações éticas e solidárias de profissionais e familiares na atenção, escuta e cuidados de todos, pensando que o outro é sempre um possível de nós mesmos”.

A reflexão seguinte, *O futuro do passado* (segunda parte), complementa, ao ressaltar: “Não compreendo como não se preparam os mais jovens para envelhecer com imaginação, com curiosidade, surpresa e assombro”. Para o autor, na velhice estão todas as idades da vida; ele considera a solidão “uma boa amiga da bondade e da beleza”. Completa:

“Quando estamos sós (olhar para dentro), mais intensamente nos compreendemos. E as lembranças terão poder de conforto, serão colheitas de uma longa semeadura, e a ideia da morte, do sofrimento, fará muitas vezes o papel de jardineira que arranca as más ervas do nosso jardim [...] Os velhos são seres mais capacitados para acolher o riso e um instante de prazer. Não pedem muito. Pedem o que é melhor. Eles conhecem a arte de fazer devagar aquilo que não se pode fazer depressa”.

Qual a velocidade do tempo para cada um? Como, a partir do presente, podemos pensar no passado e projetar o futuro?

Exemplarmente, nossa entrevistada Maria da Glória Abdo em “*Daqui a 20 anos terei 93. Quem é que vai cuidar de mim?!*” dá exemplo do tecer o tempo no tempo: tempo de crescer, de paciência e espera; tempo vivido coletiva e politicamente, tempo de ação e emoção. Coloca-se diante “dessa imensa e desafiadora luta pela dignidade do idoso, que está à nossa frente, e para a qual temos que somar esforços e competências”. Tempo vivo, mas no qual a preocupação com os cuidados futuros se apresenta!

Mas Glória é mulher desafiadora do tempo, longe dos estereótipos, assim como foi Luiza, que surge na crônica *Minha avó. Uma italiana às avessas*.

Mulheres dinâmicas, donas de si, parecem o oposto da senhora que surge na resenha do livro *Por favor, cuide da mamãe*. Um “descuido” e ela se perde na movimentada estação de trem de Seul.

Construído de modo original na colagem de monólogos internos, de seus filhos e marido, eles revelam apenas o que ficou, como “impressões”, para sua família. Mas quem foi essa mulher?

Revelações que surgem no monólogo próprio, e nos apresentam outra mulher!

Deixamos aos leitores essa “polifonia de vozes” que indicam como cada um pode ser “sujeito *entre* outros sujeitos”, com abertura para o “intercâmbio de sentidos” que nos conduza no processo solidário e criativo para viver e longeviver, em “um concerto de cumplicidades inevitáveis”.

Boa Leitura!

Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras